

Healing Individualidade e a Fonte

As dimensões humanas

Entrevista com *Isis da Silva Pristed*
Beatriz Ferraz

MAIS UMA VEZ ENCONTRAMO-NOS aqui no centro Logos, para realizar esta entrevista com Isis da Silva Pristed. Estamos sentadas no salão de trabalho, onde acontecem todos os grupos, as palestras e muitas outras atividades.

É início de setembro – as flores são muitas, as cores, os odores, os cânticos de tantos pássaros; e o verde ao nosso redor tem aquela profundidade que penetra no nosso campo, na casa por inteiro.

O ambiente é acolhedor, como esse ar da primavera. O som das quedas de água na fonte do canteiro, do lado de fora, reverbera internamente e externamente. Ciclos suaves de vitalidade e silêncio brotam e rebrotam junto à nossa respiração e nossas palavras. Alguns são tão extremamente interiores que se torna impossível significá-los com palavras, mas que sentimos – sem qualquer dúvida.

Nesse espaço, que nos envolvia, demos continuidade a nossa conversa do ano passado; tentamos penetrar em mais algumas dimensões do trabalho de energia, healing, crença e consciência – com a mesma descontração, simplicidade e naturalidade que caracterizam Isis, sua inspiração e seu trabalho com a coletânea Elos.

Isis, queria que você falasse um pouco mais sobre o healing. No primeiro número do Elos, você discorreu mais resumidamente sobre o que é healing.

Sempre tenho focado a explicação do funcionamento do healing na nossa ligação com a Fonte – a relação humana com a Fonte. Existem áreas e processos na nossa anatomia e fisiologia que correspondem à penetração da energia do healing. Dentro dessa lógica, poderíamos iniciar esta conversa falando sobre a individualidade*, que se localiza em uma área acima da cabeça, com mais ou menos 35 a 40 cm a partir do topo do corpo físico. Tenho repetidamente me voltado para essa área – a individualidade – porque ela está relacionada com a estrutura espiritual e as qualidades que trazemos, ou seja, com o potencial energético interior do indivíduo. Nesta área podemos pensar como se fosse um “pedacinho da Fonte” – é o que nos impulsionou a encarnar; é o que traz nosso propósito; é o que vai guiar completamente o nosso processo de vida. A individualidade funciona, portanto, como uma “guiança”; é essa energia que alimenta e direciona o processo do healing nas pessoas.

É também uma área não-interferida pelo processo emocional e pelo processo mental; não é interferida por outras pessoas ou a cultura em que nascemos. Mas podemos ter um bloqueio tal que não permita essa energia fluir mais profundamente. Então, o mecanismo do healing passa pela ligação da anatomia e fisiologia humanas com a individualidade e desta com a Fonte, o que quer que a Fonte represente para cada pessoa.

Assim, podemos então perguntar: “O healing é o que, mesmo?” – O healing é um processo, aberto para qualquer ser humano que busca; é o próprio processo da humanidade.

O que é Fonte?

A Fonte é esse lugar interno – sagrado – no qual cada pessoa pode colocar a sua representação. Os que acreditam em Deus, os que acreditam em Alá, os que acreditam em Buda, os que acreditam em Jesus Cristo, os que acreditam num deus interior – o que seja. Então, a Fonte tem uma vinculação profunda com a espiritualidade. Essa vinculação pode ligar uma pessoa a uma religião, embora não seja necessário um vínculo religioso – mas de uma maneira geral nós tivemos uma iniciação religiosa, seja ela católica, budista, evangélica, espírita, candomblé etc. O seu sentimento e a sua crença estão vinculados com tudo isso.

Então, a sua relação com a Fonte pode ser completamente diferente da minha, mas podemos compartilhar desse movimento a dois, a quatro, a dez, a milhares, sem necessariamente termos a mesma crença do que é a Fonte. Portanto, o healing não é uma outra religião e não se limita a nenhuma delas – você pode ter qualquer religião e usar a energia, usar a sua crença através do processo do healing. Podemos acreditar em coisas bastante diferentes e, mesmo assim, é possível canalizar a energia da mesma forma porque usamos o mesmo mecanismo anatômico e fisiológico. Todos nós somos humanos, temos a mesma estrutura. Esse é um ponto bastante importante do healing.

Fale um pouco sobre a individualidade na concepção e na embriologia.

Inicialmente, a individualidade aparece como “um ponto de atração” junto à mãe – quer dizer, junto às mulheres que estão próximas a engravidar. É uma energia que aparece, na área da aura das qualidades* da mãe, como, na verdade, vários pontinhos de “luz” – uma coisa que você pode perceber, ou não. Pessoalmente, tenho facilidade de fazer contato com este processo, como outras pessoas têm facilidade de se relacionar com outros níveis. Então, a individualidade aparece na pré-concepção.

Qual é o tempo disso?

Bia, isso eu não saberia lhe responder precisamente. Porque, mesmo no caso de algumas pessoas que eu pude acompanhar na pré-concepção, eu não saberia lhe dizer. Tem toda uma atmosfera de abertura para uma concepção, que pode levar de algumas semanas a alguns meses. Quando a mulher engravida, essas “luzinhas” desaparecem.

Desaparecem do campo da mãe?

Sim. É como se realmente aquela energia penetrasse – houve a concepção, e o feto começa a se formar embriologicamente. É interessante que ela só “aparece” de novo no nascimento. Então, quando a criança sai do útero, no processo do parto, a primeira coisa que nasce – que pula para fora – é esse acúmulo energético, o ponto da individualidade. Ele não estava com o feto, mas aparece nesse evento, chegando de uma outra dimensão.

Mas tudo isso pode ser muito subjetivo, como a forma que você percebe. Eu imagino que pessoas podem perceber este “ponto” de várias formas. Fico curiosa, por exemplo, sobre médicos, médicas e parteiras que fazem muitos partos, de como eles sentem. Porque há uma energia sagrada no nascimento. Tem a individualidade que nasce – e aí, o bebê nasce completamente, o corpo físico, o corte do cordão umbilical, a respiração, o batimento do coração com as duas circulações sanguíneas separadas e tudo mais. Nesse processo, a energia da individualidade se liga profundamente com o chakra do coração, que começa a funcionar junto com todos os outros chakras. Podemos dizer que são fisiologias que acontecem em paralelo.

E onde fica o pai em tudo isso?

Claro, também precisa de um pai. A atração para a individualidade dele parece acontecer no momento da concepção. Falei que mulheres prontas para engravidar estão rodeadas por várias “luzinhas”; cada uma, talvez, uma individualidade. Assim, tem várias opções e, normalmente, só nasce uma criança de cada gravidez. A escolha tem a ver com a relação pai-mãe.

Há uma ordem no nível do desenvolvimento – o coração primeiro, e, depois, vêm os outros chakras?

Há ordem e, ao mesmo tempo, é um processo conjunto. Nos primeiros anos de vida a energia vinculada à individualidade, que passa pelo chakra do coração, deveria fazer um movimento de descida para se ligar com o chakra da raiz*, enquanto ligação com a terra. Em outras palavras, a possibilidade de poder aceitar um corpo físico. Acho que tudo isso é um processo bem complexo, pelo qual as crianças passam, pelo qual nós passamos: poder aceitar entrar no físico. Porque, o que quer que aconteça na concepção e no nascimento, há um aspecto de contração, de penetrar no físico, de poder viver dentro dessa limitação e, também, dessa estrutura maravilhosa que é o corpo físico. A pulsação da vida passa a estar vinculada com o campo físico e vai se moldando a ele.

Agora, podemos falar um pouco sobre o conceito de chakra?

Talvez, primeiro, pudéssemos falar um pouco sobre “o campo”. Falar dos chakras é como se começássemos a falar dos “órgãos” e não do corpo, aonde estes órgãos estão funcionando.

A canalização – o movimento de energia da individualidade para o físico – passa por esse “campo”, a aura*, que cada um de nós tem. Os corpos não-físicos ou sutis vão se formando mais especificamente na medida em que crescemos. Por exemplo, o mental só se forma completamente aos vinte e tantos anos. O corpo astral vai se formar dos 14 aos 21. Mas, a partir do nascimento, temos o corpo físico e o bebê tem uma aura. O conceito do “campo” engloba tudo isso: a ligação com as dimensões de consciência, o processo de formação dos corpos sutis, os chakras no corpo etérico*, os órgãos e sistemas no corpo físico.

No campo temos, também, três diferentes dimensões. Temos o “pano de fundo*”, envolvendo a energia das costas, seu processo de sustentação, sua ancestralidade; toda a história que você traz da família, e também o que você está formando nesta vida. Todo o sustento está no “pano de fundo”, tanto nos aspectos mais difíceis de uma encarnação como, também, nos aspectos ligados à sua qualidade, às suas facilidades. O campo permeia toda essa estrutura fisiológica e anatômica: espiritual, psicológica, mental, emocional – e o “pano de fundo” está ligado a tudo isso, como instrumento de suporte. Às vezes ele fica meio que... não é perdido, porque nada se perde, mas fica... é como se não pudéssemos usar o suporte que temos.

Por exemplo, todos nós tivemos situações “traumáticas” com pai e mãe – e aí nos desligamos um pouco desta área. Como se, no processo de soltarmos a estrutura com os pais, deixássemos de utilizar parte do “pano de fundo”. Eu digo todas as vezes: “Pai e mãe é suporte – sempre e sempre”. Porque, se pensarmos que o esperma e o óvulo deram início a todo o processo embriológico que nos formou, enquanto estrutura física e etérica, então, pai e mãe é suporte – mesmo que nos abandone, mesmo que nos trate mal. Está nas células, está na nossa estrutura genética – no DNA. Isto é uma formulação bem importante para mim, é quase uma reformulação dos meus estudos de psicologia, healing e desenvolvimento humano.

A segunda dimensão do campo ou atmosfera é o “campo de atração*”, que está situada na frente do corpo. É mais relacionado com a área da nossa sensibilidade, do movimento de expressão dos chakras – e ao que você está atraindo no aqui e agora, no momento presente. Mas o presente tem também ligação com o “pano de fundo”. Algumas coisas que atraímos nesta vida têm vínculos

com outras vidas, ou com experiências da história que trazemos. Assim, podemos perguntar: o que lhe atraiu à sua mãe? Há um mistério, mas também há algo que você pode começar a assumir no nível do seu sentimento, que pode começar a lhe dar uma certa paz, uma certa aceitação das situações, entende? Funciona um pouco dessa forma, ao meu ver. Você não precisa lembrar de vidas passadas, mas reconhecer seu campo de atração pode ser bastante esclarecedor e pacificador.

No decorrer da vida, a energia contida no pano de fundo passa para a parte da frente do corpo – o campo de atração?

O campo de atração está ligado ao “pano de fundo”. Quando começamos a colocar mais consciência nesta parte, ele vai como se nos abraçando. E nesse abraçar, vai trazendo para a frente do nosso campo elementos que iríamos precisar olhar, e que estão relacionados, talvez, com o que atraímos no presente, para nos ajudar a entender, para nos ajudar a mobilizar, absorver, liberar...confrontar, metabolizar... integrar afinal.

Esse campo de atração espelha o que estamos vivendo no presente, mas com raízes no que vivemos aos cinco, aos doze, aos dezoito ou a muitos e muitos anos atrás. Nada do que vivenciamos com energia é desvinculado. Por último, temos essa terceira dimensão, que eu chamo a “dimensão humana*”, a dimensão do meio.

O meio fica aonde?

O meio fica no físico, fica na relação com o coração. Essa “dimensão humana” se refere às relações que você cria com o corpo físico que você está utilizando. A dimensão humana é um caminho do meio. Representa a busca da corporalidade fundamentada na verdade, na espiritualidade. A dimensão humana é a possibilidade de integrar tudo isso através dos mecanismos fisiológicos e da combinação da estrutura de polaridade*.

Agora, que você vem integrando esses campos, você vai falar dos chakras...

Os chakras são órgãos do corpo etérico*; a camada de energia ao redor e bem próxima do corpo físico. O corpo etérico também penetra no corpo físico e os dois formam uma única matriz – inseparável enquanto não morremos. Os chakras funcionam como espirais energéticas (não são apenas rodas) a partir da coluna vertebral. Na sua expansão para a frente (expressão), eles se ligam ao campo de atração. Para trás (absorção), ao pano de fundo. Como exceções temos o chakra da raiz, que só se estende para trás e o chakra coronário, que vincula-se internamente ao movimento de energia da coluna vertebral e, externamente, espelha o movimento de todos os outros chakras* abaixo dele.

Os chakras têm uma função dupla. Eles têm dois pontos de entrada e de saída de energia, que são vinculados – podemos dizer assim – a dois mundos. Vivemos em mundos paralelos: físico e não-físico. Uma das entradas dos chakras é mais relacionada ao físico: a energia prânica* do sol, com vitalidade, com saúde física – terra, alimentação, o verde – tudo isso através da ligação com o chakra do baço*.

A outra entrada dos chakras é a relacionada com a “crença”. As duas dimensões penetram nos chakras. São duas formas de energia distintas que operam através dessa fisiologia. Temos a entrada da crença, que está ligada com a individualidade e com a Fonte – com o que você acredita – porque o que você acredita vai mover tanto a energia interna, nos órgãos e nos chakras, como a energia externa no campo. Toda a movimentação energética, todo o processo fisiológico também dependem do que você acredita, que hoje, talvez, está começando a ser mais falado. Fala-se muito do efeito emocional: de como as emoções afetam o processo fisiológico. Na verdade, eu gostaria de

falar assim: de como a crença afeta o processo fisiológico. Claro que as emoções afetam o processo fisiológico, mas a vinculação com a estrutura da individualidade e, assim, a crença, afeta ainda mais profundamente o processo fisiológico!

Eu observei como essas dimensões estão interligadas, é por isso que eu quis falar primeiro do campo. Também, porque o healing não é somente o trabalho com os chakras. Cada chakra precisa usar suas possibilidades e esse uso só pode ser feito através do corpo físico. Da mesma forma, uma pessoa só pode utilizar suas qualidades e crenças através do corpo físico, através da ligação com os chakras e deles com o sistema nervoso.

Os chakras, como os órgãos, são utilizados pelo processo do healing para metabolizar, para mover, digerir e eliminar substâncias. Você pode trabalhar com o healing através da medicina, da psicologia, da oração, da arte, da educação, enfim, através do que quer que seja a sua forma de expressão no mundo, sem falar sobre os chakras. O healing pertence a qualquer ser humano que, sinceramente, se dispõe a canalizar a energia da Fonte.

Outro dia, estava lendo uma frase sua no último grupo, onde você falava sobre como esse campo energético está à disposição de qualquer pessoa que queira acessá-lo.

É verdade, e esta realidade também abre uma nova perspectiva nas nossas relações com o outro – nosso próximo, como lidar com problemas em nossa comunidade, violência etc.

Isso também fala do que é o trabalho com o healing. É poder não julgar tanto o outro...

...é talvez poder fazer contato com o outro.

Mas a palavra “contato” não é bem entendida, não é, Isis? O que é contato?

Contato é um conceito essencial no healing. É poder estar presente comigo e ao mesmo tempo com o outro, nessa atmosfera, no país e tal. Então, o contato tem a ver com presença. Com o que está presente na consciência. E, assim, permitir que o que está presente possa estar em plena consciência.

Tem a ver com abertura?

Abertura e deixar... Porque na verdade temos aspectos semelhantes nos nossos campos. Se você pensar em termos de uma cultura como a nossa – falando de consciência, assim, temos níveis de consciência em comum. Podemos dizer que em uma mesma cultura, produzimos pensamentos, emoções, movimentos e atitudes semelhantes – a consciência coletiva. Então, talvez a gente tenha que aprender a se responsabilizar mais por isso, mesmo que, como indivíduos, internalizamos e derivamos significados diferentes a partir de uma mesma experiência. Talvez o não entendimento da palavra “contato” gerou um isolamento. O contato a que estou me referindo é muito mais de você aceitar plenamente, de fazer parte. Somos parte de um mesmo “campo universal” ou “atmosfera universal”. É por isso que a presença é importante para mim: eu estou aqui ou num grupo para fazer contato – para fazer parte da energia do grupo junto com nossas individualidades. Somos oriundos de uma mesma Fonte. E a mesma individualidade que nos diferencia, ao mesmo tempo nos une, porque, se cada um de nós tem um pedacinho da Fonte, então todos nós estamos vinculados e dependentes uns dos outros. Todo o processo de desenvolvimento é coletivo.

Você faz uma vinculação, não é?

É verdade. Talvez o que esteja distorcido é aquela idéia mais antiga....

...de que contato é só olhar. O conceito de presença, que você dá hoje, muda mesmo o sentido da palavra contato. Passou por diversos movimentos, até na própria psicanálise – o conceito ficou, em algum nível, contato é só olhar!

É muito sutil – estamos sempre em mundos paralelos. Na verdade, somos equipados para viver pelo menos em dois mundos. Talvez seja uma coisa estranha dizer isso. Mas vivemos pelo menos em dois mundos: no mundo físico e material e num mundo extremamente sutil. A atmosfera é muito sutil. Então, o contato tanto é presença física, do olhar, do tocar, do que seja fisicamente, como é também você ir penetrando dentro de uma atmosfera, de ir podendo se entregar naquela atmosfera, de você poder combinar com o que está ali. Eu acho que tem essas duas dimensões, pelo menos.

Bem, estávamos falando do movimento do healing que não se limita ao trabalho com os chakras. Mas poderíamos dizer que ele ajuda a acessar e assumir a energia da individualidade?

Na essência podemos definir assim. A ligação da individualidade com o corpo, com o campo, com os órgãos, com as diferentes áreas, com a psicologia, com a mente. Aí temos uma essência do healing. E, além de ser a ligação, é também a própria proteção, a própria guiança. É fundamental pensar que o trabalho do healing é guiado pela individualidade de cada pessoa envolvida. É ela que disponibiliza, vamos dizer assim, energia para ir aqui ou acolá, entrar nessa ou naquela memória; visualizar isso ou aquilo, escolher a cor, entende? Se vincular com essa dimensão, acessando ela e deixando o processo acontecer, a realidade se revela.

Em paralelo, tem as coisas que queremos. Porque precisamos do ego para estruturar, para dar passos e para chegar em algumas coisas. Se a gente pensar, por exemplo, no chakra da raiz, que tem uma ligação profunda com a base, com o físico, com o trabalho, com o dia-a-dia. Nele temos também ambição: a vontade de vencer. Isso é real. O que essa ambição não pode é passar por cima de todo mundo e sair pisando, destruindo o próximo. Mas essa ambição é para ser considerada, é para ser integrada com o sentimento profundo de algo que você precisa expressar, que é oriundo do chakra do coração e da mente. É o que pode, talvez, dar equilíbrio para a questão de como o mundo está indo. Toda essa relação com o dinheiro, com o capitalismo. Não quero entrar muito por aí, viu, Bia? Mas, é possível combinar, sentir, pensar e agir; querer e precisar. O sentimento sem realização vira frustração. E vice-versa. Você precisa buscar realizar o que sente, exemplificando e dando para o mundo – do contrário, fica sem feedback, fica só um movimento, uma dimensão, e são várias dimensões que têm que operar. Então podemos dizer: o healing é um trabalho de combinar o funcionamento de muitas dimensões, mesmo sem conhecer todas elas, sem saber falar de todas elas. Você pode sempre sentir a relação com elas.

O healing tem muito a ver com abertura... você se abrir para esse campo.

É. Tem umas palavras-chave: abertura, inclusão e integração. Porque, assim, a gente vai incluindo aos poucos, não é? Até porque a gente vem de uma cultura e educação ocidentais, que são muito excludentes. Abertura tem a ver com você habitar, estar presente no campo, com o que está ao seu redor. Poder sentir e deixar as experiências acontecerem. Claro que vai ter coisas muito positivas e outras que não são tão positivas assim, sem dúvida.

Se pensarmos mais amplamente, aprendemos a excluir o que não gostamos, não queremos, não é bom, não é certo... Tantos conceitos e preconceitos. É um processo longo irmos aprendendo a

incluir – mesmo as coisas que não gostamos, que desaprovamos. Porque, se não incluimos, acabamos projetando. E aí, quando projetamos, é como se outras pessoas, ou outras dimensões tivessem que realizar aquilo para nós. Então, se não assumimos a nossa agressividade, vamos projetá-la, e algumas pessoas vão ser extremamente agressivas. Não sei se é isso que acontece hoje em dia... Então, é essa inclusão – não é abrir o campo, porque o campo sempre está aberto – é você aceitar a condição da vida.

Então, o healing tem essa eternidade: a integração, a integração dessas polaridades, do que é bom em você e do que não é tão positivo em você. Isso é a realidade do healing – incluir o bem e o mal; a escuridão e a luz; o nascimento e a morte; incluir os dois lados da polaridade, para contê-los. Conter a polaridade é a possibilidade de nos aproximarmos da nossa natureza não-local, do eterno, do divino, do infinito. E com essa nova base, iniciar o processo do healing, que nos permite vivenciar um estado de compaixão e comunhão com os outros.

Polaridade também é um conceito muito importante no healing?

É básico. Temos seis níveis de polaridade. Na vertical, temos três dimensões de polaridade*. O lado esquerdo do corpo (absorção), o meio – que é muito ligado ao movimento de energia da coluna vertebral (essência) – e o movimento de energia do lado direito do corpo (expressão). Temos, também, três dimensões de polaridade horizontal*: a polaridade com a terra – ligada com a parte inferior do corpo, especialmente com o chakra da raiz; a segunda polaridade horizontal tem a ver com o chakra do coração – a relação humana; e a dimensão de polaridade ligada à espiritualidade, que podemos colocar na relação com a individualidade. Então, são vários níveis que necessitam de afinação e combinação. Essa integração é ligada com todo movimento de energia na coluna vertebral, com o movimento de todos os chakras, com o movimento de toda a fisiologia – como a base do movimento da vida e da morte para todos os seres humanos.

Em outra oportunidade podemos ir falando mais sobre os chakras, mas você quer concluir sobre o healing?

Acho que dessa vez quis trazer esse aspecto do campo, da fisiologia... Quando comecei neste trabalho era muito mais jovem, e estava pensando mais nos meus problemas. Não é que não continue pensando neles. Mas encontrei o healing junto com uma abordagem mais psicológica, que foi o que estudava naquela época. Depois, aos poucos, fui sendo atraída pelo aspecto que chamo fisiológico, ligado com a fisiologia natural... Então fui re-traduzindo o healing. O meu enfoque, hoje, é relacionado à saúde como um campo ampliado de consciência, e, claro, a psicologia não está excluída. Não há nada no humano que não esteja contido em nós – todas as polaridades, inclusive a da saúde e da doença.

Eu sempre falei muito do natural, do que é natural. Não do que é certo ou errado, mas do que é natural para você. Talvez isso tenha a ver com a essência do meditar, com meu caminho do meio, com seu caminho do meio, com o caminho do meio de cada ser humano. Dessa maneira, talvez você possa parar de pensar no que é certo, no que é errado e começar a entrar em você, através da meditação, fazer contato com diferentes dimensões, com a individualidade, e chegar no que seja natural para você. Isso, em si, lhe integra. Isso, em si, lhe dá outra dimensão do que é viver e morrer. Foi nessa direção que acho que fui chegando. Claro que a psicologia é maravilhosa, mas ela tem muitos elementos que, se não cuidarmos deles, podemos ficar presos. Acho, também, que foi a minha busca de sair de alguns lugares em que estava presa. É uma releitura e eu me sinto mais livre, tenho mais espaço para expandir junto com o trabalho. Com certeza, está relacionado com o meu processo de ir vivendo o healing: construindo, afrouxando e reconstruindo o tempo todo.